

Prólogo

A 5 de Outubro de 1910, quando Porfirio Diaz prepara a celebração do centenário da independência com inigualáveis factos de monarquia absoluta, um acontecimento, sem precedentes na história do mundo, subverte o México onde nada mudou desde a queda dos reinos índios às mãos dos conquistadores espanhóis. Ao apelo de Francisco Madero — o «plano de San Luís» que anula a eleição fraudulenta de Porfirio Diaz e dá o sinal da insurreição — o povo ergue-se e lança o país numa guerra breve e furiosa, que provoca mais de um milhão de mortos e derruba a ordem estabelecida.

A Revolução Mexicana é a primeira revolução social que anuncia a da Rússia e marca o início dos tempos modernos. É um movimento espontâneo que percorre todo o país, porque os camponeses são os seus verdadeiros actores. No México, em 1910, a paisagem está como a deixaram os colonos espanhóis: uma imensa massa rural esmagada pelos grandes proprietários, alienada por um punhado de senhores e as suas milícias. Quinze *hacendados* partilham gigantescos domínios, tais como a *hacienda* de San Blas no Sinaloa, ou a de Progreso no Iucatão, que têm mais de um milhão de hectares, nos quais os seus proprietários reinam como senhores absolutos, possuindo rios e aldeias índias, tão vastas que têm de deslocar-se através dos seus próprios caminhos de ferro. A sua fortuna é

inimaginável. Recrutam os preceptores em Inglaterra, enviam a roupa para branquear em Paris e fazem vir da Áustria os seus gigantescos cofres-fortes.

O México é então ainda uma terra conquistada em que dominam os estrangeiros. Estes partilham entre si os impérios comerciais: as minas e as fábricas de cimento são para os americanos, o armamento e os artigos de ferragem para os alemães, a alimentação para os espanhóis, os tecidos e os comércios em grosso para os franceses — os célebres «Berços». Os ingleses e os belgas têm o monopólio dos caminhos de ferro, e os campos petrolíferos estão nas mãos de dinastias americanas, os Doheny, os Guggenheim, os Cooke.

O México de Porfirio vive alinhado pela Europa. A arte, a cultura, inspiram-se nos modelos ocidentais. Na cidade do México, o ditador reproduziu as perspectivas parisienses e em todas as cidades existem pavilhões austríacos em que se dançam as valsas e as quadrilhas. A arte, o folclore, a cultura indígenas, são objecto do mais profundo desprezo, com a excepção das obrigatórias referências ao prestigioso passado dos Astecas que inspira ao pintor Saturnino Herrán quadros à maneira antiga em que os índios estão vestidos como guerreiros hoplitas e as Tehuanas como matronas romanas.

O gosto deste fim de reinado é o culto de um estilo descolorado, ao mesmo tempo sinistro e ridículo. A maior parte dos escritores e dos artistas, de Vasconcelos a Alfonso Reyes, de Siqueiros a Orozco, fogem deste clima asfíxiante da arte cortesã e vão procurar na Europa o ar da liberdade.

A revolução que eclode ao apelo de Madero não é uma chama de violência gratuita. É imperiosa e trágica, uma vaga nascida dos abusos dos conquistadores e da violação da consciência índia, repleta de uma velha necessidade com quatrocentos anos. Os dois homens que encarnam esta revolução não têm equivalente na história. Violentos, incultos, intransigentes, são verdadeiramente símbolos do povo mexicano. A vaga revolucionária eleva-os ao cume mais alto, ao Palácio Nacional, na praça central da cidade do México, onde outrora reinaram os

senhores de origem divina dos antigos Tenochcas e os vice-reis de Espanha.

Sobre o rebelde Francisco Villa, simples vaqueiro que se tornou general da «divisão do Norte», escreve o cronista John Reed no seu México insurrecto: «É o homem mais natural que alguma vez encontrei. Natural no sentido em que está muito perto do animal selvagem.»

Emiliano Zapata, o «Átila do Sul», é o absoluto romântico da revolução, o índio que se bate «pela terra e pela liberdade» com o seu exército de camponeses armados com facas de mato, e tendo na cabeça os *sombreros* em que alfinetaram a imagem da Virgem de Guadalupe. «Grande, magro, escreve Anita Brenner em 1929, no seu fato negro sem fantasia, com um lenço vermelho cor de sangue à volta do pescoço; o rosto ossudo, onde a pele atenua os ângulos, está construído em triângulo invertido cuja ponta é o queixo; os olhos cinzentos, o olhar velado, distante, estão à sombra do muro da sua testa; a boca fechada, silenciosa, de desenho sensual, é dominada por um enorme bigode cujas pontas caem como as de um mandarim chinês» (*Idols behind Altars*, p. 216).

Quando a revolução deflagra no México, Diego tem já vinte e quatro anos, e a distância — a sua procura duma arte mais livre, na Paris do cubismo — impede-o de tomar parte nos acontecimentos. Limita-se a aplaudir a partida do velho tirano que, por uma ironia do destino, escolheu para seu exílio a cidade em que se encontra o pintor que há-de exaltar a revolução. Frida Kahlo tem três anos no momento do apelo de Madero, e a sua vida em Coyoacán não é de modo nenhum perturbada pelos acontecimentos ocorridos na cidade do México.

De facto, Diego e Frida são ambos, antes de mais, provincianos. Ele, de Guanajuato, nascido na atmosfera arcaica desta cidade mineira, em que se pratica uma familiaridade um pouco desdenhosa para com o mundo índio. Ela, de Coyoacán, a que a sua mãe Matilde chama a «aldeia», cresceu ao ritmo marcado pela tristeza da cidade do «Marquês», Hernán Cortes, em que

os únicos acontecimentos são os mercados semanais, e o único movimento o dos camponeses índios que vêm das aldeias dos arredores, Xochimilco, San Jerónimo, Iztapalapa, Milpa Alta.

Para Diego, como mais tarde para Frida, a atracção é a cidade do México. Não a metrópole de hoje, armadilha para os condenados da era industrial, mas a cidade fervilhante, ligeira, efervescente, em que é possível depois da revolução encontrar os estudantes, os aventureiros, os amantes, os pensadores em moda e os ambiciosos políticos, os teóricos de arte e os aprendizes da modernidade.

No período que se seguiu à revolução, a capital mexicana tornou-se imediatamente uma cidade aberta. Os formidáveis movimentos da multidão invadindo o centro e a praça do Zocalo atrás dos insurrectos de Villa e Zapata abriram o caminho. Diariamente, chegavam de todos os cantos do país camponeses, curiosos, que percorrem as ruas, vão aos mercados, aos jardins públicos, amontoam-se em torno dos monumentos outrora reservados à elite, reencontram-se, reconhecem-se. Os comércios ambulantes, os restaurantes ao ar livre, os hotéis baratos, os transportes em comum multiplicam-se. Os mexicanos descobrem de súbito a sua identidade, a sua arte, a sua música popular. Circulam já os *corridos*, essa poesia espontânea celebrando os heróis da revolução.

A cidade do México de Diego e Frida. Uma cidade onde fervilham a criação, a invenção, a novidade. Nenhuma outra cidade terá sido tão revolucionária, sinónimo de farol para os povos oprimidos da América. Um lugar tão importante, durante esta década de 1920-30, tão fértil para as artes e para as ideias como foram Londres no tempo de Dickens, ou Paris na “belle époque” de Montparnasse.

Em Agosto de 1926, quando reparam uma ala do Palácio Nacional, os operários descobrem os restos da grande pirâmide do México-Tenochtitlán, no cimo da qual se encontra uma

pedra que representa o Sol — realizando assim uma antiga profecia que anunciava o regresso do poder ancestral no dia em que renascesse o grande templo sobrepujado pelo Sol. Esta descoberta, que ocorre no momento em que Diego Rivera inicia os frescos da Escola Nacional de Agricultura em Chapingo, tem um valor simbólico. Chega o momento de concretizar a renovação da cultura indiana.

A ideia não é, no entanto, nova: herdado da era de Maximiliano, o indigenismo tinha algo de reaccionário que o assemelhava ao espírito de casta da colónia espanhola. Por outro lado, a celebração excessiva do passado asteca — o pomposo monumento erigido a Cuauhtémoc, último rei do México, no final do século XIX — era um expediente que servia para disfarçar a condição miserável dos sobreviventes das nações indígenas. No momento em que se decorava a estátua do jovem herói da resistência asteca, o Governo de Porfirio Diaz deportava os índios *yaquis* para Havana, e as tropas do general Bravo punham a fogo e sangue as cidades dos maias Cruzoob em Quintana Roo.

Diego e Frida encarnaram, de certo modo, os vícios e as virtudes desta época em que se reinventavam os valores mexicanos, a arte e o pensamento das civilizações pré-hispânicas. Diego é um dos primeiros a afirmar o laço entre o futuro revolucionário do México e o seu passado índio: os antigos mexicanos, escreve, «para quem qualquer acção, desde os rituais esotéricos dos grandes sacerdotes às mais humildes tarefas da vida quotidiana, estavam cheios de beleza sagrada. Para quem as pedras, as nuvens, as aves ou as flores eram fontes de delícias e manifestações da Grande Materialidade¹».

Diego e Frida consagraram toda a sua vida à procura deste ideal do mundo ameríndio. É ele que lhes dá a sua fé revolucionária, e que faz então brilhar, no centro de um país devastado pela guerra civil, o clarão único do passado, como uma luz que atrai os olhares de toda a América e simboliza a promessa duma nova grandeza.

¹. In Bertram Wolfe, *Diego Rivera*, Nova Iorque, 1979, p. 103.